

# Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida

*Ronivaldo de Oliveira Rego Santos*

Universidade Estadual de Goiás  
Campos Belos – Goiás – Brasil  
roniregogo21@gmail.com

---

**Resenha da obra:** NIETZSCHE, Friedrich. *II Consideração intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*. In: Escritos sobre história. Tradução de Noeli Correia de Melo Sobrinho. – Rio de Janeiro: ed. PUC – Rio: São Paulo: Loyola, 2005.

---

*Certamente, temos necessidade da história, mas, ao contrário, não temos necessidade dela de modo como tem o ocioso refinado dos jardins do saber, por mais que este olhe com altaneiro desdém os nossos infortúnios e as nossas provações prosaicas e sem atrativo. Temos necessidade dela para viver e para agir, não para nos afastarmos comodamente da vida e da ação e ainda menos para enfeitar uma vida egoísta e as ações desprezíveis e funestas. Não queremos servir à história senão na medida em que ela sirva à vida. (Nietzsche, II intempestiva)*

Pensar a dimensão da história na concretude da vida é uma ação salutar no contexto social contemporâneo. Como lembra Nietzsche na passagem acima, a história não pode ser desvinculada da vida. Atualmente, sempre que se fala de história ou de historiografia, discute-se muito sobre qual o papel do sujeito na construção de sua representação histórica individual e social. Fala-se muito, ainda, da postura humana no engendramento dos valores culturais inerentes ao ser humano e que não se dissociam da história. Em contrapartida, pouco se questiona a propósito da utilidade da história na construção de valores vitais, sua aplicação aos preceitos que cada pessoa possui ou pode vir a possuir. Neste sentido, é imprescindível a leitura da segunda Consideração Intempestiva *Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*, de Friedrich Nietzsche, publicado

em conjunto com outros textos e aforismos sobre a história, pela Editora PUC –Rio em parceria com a Edições Loyola.

Com a tradução de Noeli Correia de Melo Sobrinho, o texto apresenta-se em linguagem forte e ao mesmo tempo bela. Capaz de impelir alguns questionamentos holísticos acerca da busca de sentido que se atribui ou não a história, dando menos ênfase no ensino e/ou na produção historiográfica. Tal sentido, para Nietzsche, não é revelado somente a partir de sentenças ou axiomas. Ao contrário, versa à maneira de como a história serve ou não à vida. Devemos servir à história somente na medida em que ela sirva à vida, diz Nietzsche logo nas páginas iniciais de sua *Intempestiva* (p. 68). O malogro da vida em função dos ditames historicistas é a causa da “doença histórica” causada pelo abstracionismo e pelo enciclopedismo históricos. Sendo Hegel o percussor do historicismo, logo desta doutrina nada vital para o homem, é o causador deste mal histórico. Cabe então refutar o historicismo e repita-se novamente: a história deve servir à vida, todo contrário resulta em tautologia e falácia.

Perscrutando tenazmente a II *Intempestiva*, percebe-se ainda um Nietzsche atento, com afinco na questão do esquecimento. O filósofo alemão assevera que o esquecimento é, em muitos casos, mais importante do que a consciência histórica. Para demonstrar sua posição ele diz que se nos prostrarmos diante de tais questões integralmente não poderemos desfrutar o melhor da vida, isto é, ela própria. Por esta razão é necessário o esquecimento, para que a vida, de fato, exista, para o presente não se apresentar perenemente como resultado do passado. Este, por sua vez, é amiúde latente, quiçá, indecifrável. Destarte, o presente representa o viver, o estar com o mundo. Consequentemente, tanto a consciência histórica quanto seu esquecimento são vitais para o ser humano. Na verdade, o que falta, segundo Nietzsche, não é escolher um ou outro, mas saber dosar ambos os sentimentos (p. 74-75).

(...) portanto, seria preciso que considerássemos a faculdade de ignorar *até certo ponto* a dimensão histórica das coisas como sendo a mais importante e a mais profunda das faculdades, pois nesta faculdade reside o único fundamento sobre o qual pode crescer algo de bom, saudável e grande, algo verdadeiramente humano (grifo nosso).

Isto implica em dizer que a expressão acima destacada aponta para a história não mais como ciência, detentora da verdade, ilustrativa, mas deve representar também a dimensão subjetiva dos fatos, a interpretação. Nietzsche coloca o homem como construtor do seu próprio destino.

O filósofo do eterno retorno também chama a atenção para três paradigmas históricos que, em última instância, são introspectados pelos seres humanos: a história monumental, tradicional e crítica. O primeiro modelo, como o próprio nome leva a entender, trata do poder humano de criar os seus ídolos, seus monumentos, logo determinando sentido às suas vidas. Para esta perspectiva o passado é espelho para o presente. Neste sentido a história tende a ser perigosa, havendo a necessidade posterior de se destruir alguns ídolos e de criar novos valores para a vida, haja vista que os preceitos obsoletos estão em vias de falsificar o homem e prejudicá-lo.

Na história tradicional o que prevalece é o valor à tradição, aos costumes que são secularizados, tornando-se fonte da mais pura e irrefutável verdade. A este paradigma Nietzsche atribui o caráter da superficialidade, uma vez que “(...) a maior parte dos fenômenos lhe escapa totalmente, e o pouco que ela percebe aí, ela o percebe indistintamente e de maneira muito fragmentária” (p. 94). A tradição não observa os lugares e tempos diversificados onde a história pode ser gerada, ela somente atribui valor aos seus valores tradicionais, deixando de lado as novas possibilidades de fazer a história.

O último dos modelos históricos apresentado por Nietzsche é o crítico. Este interpela a história autorizando a ela novas perspectivas. Detentora da condição *sine qua non* do devir, acusa e julga a história tradicional. Em contrapartida, delegar o engendramento da humanidade ao vir a ser também representa um erro, pois novamente se pensa demasiadamente no futuro sem se viver ou se pensar nos infortúnios do presente.

Permeando a abordagem destas três tendências históricas Nietzsche volta a abordar questões relacionadas ao historicismo e a cultura. Ressalta o autor que a *décadence* cultural alemã nada mais é do que a concretização dos ideais hegelianos, que universalizavam o sentido histórico. Deve-se levar em consideração que com estes dois aspectos, o historicismo e cultura, o filósofo alemão explicita a sua visão de como deve ser o historiador ao fomentar o caráter artístico e poético da história. Tal profissional deve dar novos tons à história, desvendar o que ainda não era possível de se ver, pois encoberto por sentidos históricos obsoletos, estes motivos levam a crer que o historiador não deve viver de raspar os manuscritos e escrever sobre eles (p. 91-92). Cabe a este homem chegar ao nível do poeta, do artista e criar sua própria história mostrando a subjetividade construída no seu âmbito cultural.

Eu espero, portanto, que a importância da história não venha a residir nestas ideias gerais, como sendo suas flores e seus frutos, mas que seu valor consista sobretudo em variar inteligentemente um tema conhecido, talvez totalmente gasto, uma melodia banal, para alça-lo ao nível de um símbolo universal e fazer

assim perceber no tema original todo um mundo de profundidade, de poder e de beleza (p. 124).

A beleza, a profundidade e o poder da história residem nas ações dos sujeitos para construí-las. É nestas ações que residem a prática da existência, da valorização do indivíduo como construtor da história, que até certo modo, para Nietzsche, o homem foi tolhido durante toda a idade moderna<sup>1</sup>.

Sobre este ponto de vista a modernidade é denunciada como a causadora de todo o malogro humano que afligia a Europa oitocentista, pois a história não favorecia a vida, mas a sua falência. No mesmo rastro aponta nosso filósofo que se os estudos históricos de seu tempo forem totalmente ligados aos pressupostos da modernidade é melhor não os ter: a cultura histórica deve servir a vida. De certo modo redundantes, mas seguindo os próprios desígnios ressaltados por Nietzsche, a modernidade deixou de lado a vida, a ação e a existência, atrelou-se a uma vida contemplativa e idealista “Já que somos efetivamente o fruto das gerações anteriores, somos também o fruto dos seus desregramentos, das suas paixões, dos seus erros, ou seja, dos seus crimes: não é possível excluir-se completamente desta cadeia” (p. 97). Mesmo não sendo possível negar completamente as épocas anteriores é necessário que se tome cuidado para não repetir os seus erros mais grotescos.

Nietzsche advoga em prol de uma história em que as pessoas deixem de se portar como fantoches de ideologias abstracionistas, como a então emergente ideologia burguesa que postulava no século XIX e ainda hoje, em pleno século XXI, postula o egoísmo e o utilitarismo, em que a cultura é sustentada por valores que não estão ligados à vida e tentam universalizar tais possibilidades. Por conseguinte, a história deveria designar a identidade, não tornar o homem personagem, um ser que poderia efetuar vários papéis, embora nunca chegasse a ser de fato o que realmente é. Portanto, a história deve favorecer a reflexão sobre a vida, desde que ela seja experimentada, vivida. Por isto diz Nietzsche:

Somente o homem experimentado, o homem superior, pode escrever a história. Quem não tenha feito algumas experiências maiores e mais elevadas do que as de todos os outros homens não poderá jamais interpretar a grandeza e a elevação no passado (...): mas agora convém admitir que somente aquele que constrói o futuro tem direito de julgar o passado (p. 127).

---

<sup>1</sup>Acerca da simplicidade da existência humana Cf. NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. (Das coisas primeiras e últimas, §3).

Mesmo com os exageros particularmente existentes no pensamento nietzschiano, pode-se considerar justo somente o construtor da história questioná-la? Acredita-se, por certo ponto de vista, que sim, pois todos constroem sua história e tem sim condição de inquiri-la. Dizer que somente grandes homens fazem a história é uma contradição em termos, pois o próprio Nietzsche responsabiliza o indivíduo por sua grandeza histórica. Exatamente por este motivo todos experimentam sua vida, uns com mais intensidade, outros com menos. Todavia, não convém afirmar que não fazem história, apenas não tem consciência de sua importância. Também não convém usar o termo julgar. Seria mais plausível a utilização do termo “questionar”, já que aparenta mais coerência<sup>2</sup>. A este respeito o próprio Nietzsche diz que todos olhamos o passado conforme as predisposições do presente.

A história deve ser aberta ao debate e ao questionamento. Entendê-la como um valor dogmático, como verdade inviolável, imutável é sintoma de uma concepção obsoleta, que não compreende a volatilidade própria da existência humana. Dizer que a história e a historiografia são a representação uníssona da realidade, defensora da verdade, é uma afirmação errônea. Existem pontos de vistas diferentes dos fatos, a interpretação ocorre conforme a cultura que cada historiador está inserido<sup>3</sup>.

A aceitação desta diversidade é sinal de juventude frente ao envelhecimento histórico, pois é na superação dos ranços desta vetusta história que os homens podem resgatar sua virilidade em relação aos fatos. Os indivíduos mesquinhos conduzem as massas para alcançarem o seu destino, também, mesquinho. Todos chegam assim ao mesmo sentido: o egoísmo. O egoísmo transforma toda a massa que era revolucionária em rebanho; retornam ao velho sentido da modernidade, a universalidade. Estas noções compelem Nietzsche a dar pouquíssimo crédito às massas, pois as considera como um aglomerado de seres sem identidade, que não tem um projeto histórico próprio e se deixam levar. A avidez da juventude deve substituir a velha forma de ver a história. Somente com uma vida alegre pode-se tornar artística, inovadora, e historicamente sem dogmas. Desta maneira, pode-se deixar de crer na capacidade do rebanho para acreditar na contundência dos indivíduos e contar as micro histórias.

A história não pode se opor à vida, o passado não deve ser desprezado, precisa sim, ser também o alimento para se existir. Todo conhecimento que tentar sucumbir a concretude humana em prol de seus preceitos e de sua objetividade já nasce morto, visto

---

<sup>2</sup> Não obstante, se pensarmos em termos atuais, a história está sendo julgada constantemente. Um caso que evidencia isto é a chamada comissão da verdade, que investiga os crimes da ditadura militar.

<sup>3</sup>A este respeito é interessante a leitura de Mito e significado de Claude Lévi-Strauss.

que ao se refutar a vida, verdadeiro caminho para todos os conhecimentos, deixa-se de lado todos eles. Não tem ciência, histórica ou não, que esteja além da mundanidade. Das suas idas e vindas, das necessidades, do devir, do esquecimento. Todos estes aspectos relevantes à história, somente o são, porque representam as bases de existência humana. Sendo assim, acredita-se que Nietzsche efetua uma interessante reflexão a propósito da vitalidade histórica. Do modo de ser individual, dos grupos, das famílias. A história não precisa abarcar somente os movimentos, as massas, mas tudo que é existente, que é vivido.

Sobre a diversidade de onde a história pode ser construída muitos autores definiram seus pensamentos: Marx, nas lutas de classe; Foucault, com as suas micro histórias (inclusive muito influenciado por Nietzsche); os autores dos *Annales*, como Jaques Le Goff e Peter Burke, determinando a história vista de baixo; entre estes pontos de vista variados um em especial chama a atenção, principalmente por não ser de um historiador, e sim de um poeta: Ferreira Gullar. Vejamos o que ele observa:

E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas ruínas, nos namoros de esquina<sup>4</sup>.

Fundamentados com a sutileza e a poesia de Gullar é salutar dizer que a história deve ser também a criação da vida e o seu significado. Deste modo, Nietzsche põe em relevo questões que somente por volta de meados do século XX, através da *Escola dos Annales*, foram efetivamente colocadas à baila para a discussão: a possibilidade de interpretação da história e a de novos temas para reflexão histórica. O que antes era visto somente com o prisma do marxismo pode ser também interpelado por outros autores, por outras concepções da história. Mas não somente isso, Nietzsche coloca em cheque até que ponto a história pode ser válida à vida, algo hodiernamente nada comum, certamente por problematizar a existência, de situações em que o humano não gosta de ser questionado.

Finalmente, esta resenha não se estrutura cronologicamente dentro da *II Intempestiva*. Revela o contrário, o que está presente em toda ela, isto é, o valor da vida. De leitura agradável, às vezes poética, revela toda a capacidade holística de Nietzsche, embora também explicita os conflitos internos do autor. Sendo assim, indispensável a leitura integral desta obra reflexiva da história. Seja para quem pretende superar os dogmas

---

<sup>4</sup> GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem**. Disponível em: <http://www.literal.com.br/ferreira-gullar/por-elemento/ensaios/corpo-a-corpo-com-a-linguagem/> acesso em 20 de abril de 2013, as 09h e 27 min.

da história, da historiografia, seja para aqueles que buscam ter um novo olhar, mais agudo, sobre questões relevantes também para a vida.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Ronivaldo de Oliveira Rego Santos** é especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Candido Mendes (UCAM); professor da Rede Municipal de Educação de Campos Belos e nos cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – *Campus* Campos Belos.

---

Recebido em 25/03/2015

Aceito em 25/05/2015